

UNIÃO DE ESCOLAS SUPERIORES PARAÍSO

**A NECESSIDADE DE ENSINAR VIRTUDES E
VALORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DA
PARCERIA FAMÍLIA/ESCOLA**

VILMA ROGÉRIA SOARES

ORIENTADORA: PROF^a EDYNA MALDI BORGES

**São Sebastião Do Paraíso - MG
2009**

**A NECESSIDADE DE ENSINAR VIRTUDES E
VALORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DA
PARCERIA FAMÍLIA/ESCOLA**

VILMA ROGÉRIA SOARES

**Monografia apresentada à UNIESP - União de
Escolas Superiores Paraíso, como parte dos
requisitos para a obtenção do título de Licenciatura
em Pedagogia.**

Orientadora: Profª Edyna Maldi Borges.

**São Sebastião Do Paraíso - MG
2009**

**A NECESSIDADE DE ENSINAR VIRTUDES E VALORES NA
EDUCAÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DA PARCERIA
FAMÍLIA/ESCOLA**

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: () _____

Professor Orientador

Professor Avaliador da Banca

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso – MG

2009

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, Maria Leonor e Dinivaldo, que unidos me incentivaram.

Ao meu esposo Elcio, pelo apoio e compreensão;

A minha mãe, com sábia experiência de vida, sempre acreditando nas minhas conquistas e capacidade.

AGRADECIMENTOS

A princípio a Deus, que me permitiu a inteligência.

À minha orientadora professora Edyna Maldi Borges, que com tanta presteza colaborou nesta monografia.

Àquelas pessoas que quando deveriam ser simplesmente professores, foram mestres. Que quando deveriam ser mestres, foram amigos e em sua amizade me compreendeu e me incentivou a seguir meu caminho.

Não poderia deixar de registrar minha gratidão a todos aqueles que colaboraram para que este trabalho fosse bem concluído. Na vida, nada se consegue sozinho, é preciso a colaboração de outros.

A oportunidade que a vida me concedeu de alcançar a profissão desejada.

As crianças aprendem o que vivem

Se uma criança vive com críticas; ela aprende a condenar.

Se uma criança vive com hostilidade, aprende a agredir.

Se uma criança vive com zombaria; aprende a ser tímida.

Se uma criança vive com humilhação; aprende a se sentir culpada.

Se uma criança vive com tolerância, aprende a ser paciente.

Se uma criança vive com elogios, aprende a apreciar.

Se uma criança vive com retidão, aprende a ser justa.

Se uma criança vive com segurança, aprende a ter fé.

Se uma criança vive com aprovação, aprende a gostar de si mesma.

Se uma criança vive com aceitação e amizade, aprende a encontrar amor no mundo.

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
1 UM REENCONTRO COM AS VIRTUDES E VALORES.....	11
1.1 DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA DAS VIRTUDES E VALORES.....	11
1.2 ALGUMAS VIRTUDES E VALORES.....	18
1.2.1 Amor.....	18
1.2.2 Amizade.....	19
1.2.3 Auto-confiança.....	19
1.2.4 Auto-conhecimento.....	20
1.2.5 Auto-estima.....	21
1.2.6 Coragem.....	21
1.2.7 Esperança.....	22
1.2.8 Fé.....	23
1.2.9 Honestidade.....	24
1.2.10 Humildade.....	25
1.2.11 Justiça.....	26
1.2.12 Respeito.....	26
1.2.13 Responsabilidade.....	27
1.2.14 Solidariedade.....	28
1.2.15 Tolerância.....	29
1.2.16 Paciência.....	30
1.2.17 Verdade.....	31
2 A REALIDADE DOS ENSINAMENTOS DAS VIRTUDES E VALORES NA ESCOLA E NA FAMÍLIA.....	32
2.1 ENSINAMENTOS DAS VIRTUDES E VALORES NA FAMÍLIA.....	32
2.2 ENSINAMENTOS DAS VIRTUDES E VALORES NA ESCOLA.....	38

3 A PARCERIA FAMÍLIA/ESCOLA NOS ENSINAMENTOS DAS VIRTUDES E VALORES PARA A CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	46
CONCLUSÃO.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60

RESUMO

A presente monografia demonstra que com certeza, muitos professores irão criar um espaço de conhecimento reflexivo de modo que possam, por sua vez, guiar seus alunos na contínua ampliação dos saberes. Como educadores, precisamos estar cientes que a educação também não se preocupa apenas com a preparação das crianças para serem úteis à comunidade, mas com o resultado de seu crescer naturalmente integrados nela. A tendência já não é o ideal de alcançar a realização completa e definitiva do ser, mas participar da evolução contínua da vida. A medida que o professor vai reeducando a sua prática, vai-se sentindo a necessidade de alertar os pais quanto a responsabilidade de contribuir com a escola na formação educacional de seus filhos. O professor precisa estar sintonizado com a realidade que o cerca. Sabe-se que a criança vivencia os ideais e os valores que a família e a escola proporciona a ela. Daí a importância de ambas trabalharem em parceria, valendo-se de suas atitudes para despertar coragem, otimismo, alegria e fé nas crianças, para que elas possam desenvolver a capacidade e o entusiasmo necessários para enfrentar os desafios da vida. O cultivo ao respeito e à consideração aos semelhantes despertam o bom comportamento nos seres humanos, entretanto acredita-se, que não se ensina a cooperação, o respeito, a solidariedade, é preciso vive-las. Os pais e os professores são os guias e exemplos, nesse sentido, devem agir de acordo com suas palavras, afinal só um grande educador pode formar um grande cidadão.

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço privilegiado para se desenvolver e ensinar virtudes e valores desde a Educação Infantil.

Entretanto, a alma de qualquer instituição de ensino é o professor. São estes profissionais da educação que precisam dotar-se de instrumentos adequados para cumprir suas funções didáticas, sabendo escolher obras apropriadas a sua clientela, empregando recursos eficazes que estimulam as mesmas à ter hábitos e atitudes positivas de segurança, confiança, cooperação e qualidades pessoais.

Como ninguém ama o que não conhece, para que o professor possa levar seus alunos a experimentar e sentir que os mesmos possam viver em sociedade, superando seus próprios limites, alcançando os objetivos propostos sentindo que a vida é um imenso desafio, que deve conhecer e aceitar, interpretar e enfrentar, dando sua parcela de contribuição para a construção de um mundo melhor.

Portanto, a pesquisa se justifica por buscar mais conhecimentos na tentativa de compreender as atitudes do comportamento das crianças na atualidade resgatando valores e virtudes que estão sendo colocados como segundo plano.

O objetivo geral do presente trabalho é propor a parceria família/escola estudando meios para que as crianças possam conhecer valores e virtudes para se tornarem cidadãos mais justos, solidários e democráticos.

Abaixo os objetivos específicos:

- Retratar o que são virtudes e valores;
- Mostrar e estudar as principais virtudes e valores;

- Revelar a importância das virtudes e valores;
- Apresentar a realidade dos ensinamentos das virtudes e valores na Escola e na Família;
- Estudar a parceria Família/Escola em prol dos ensinamentos e vivências das virtudes e valores na Educação Infantil.

A pesquisa será trabalhada através de um levantamento bibliográfico, em que serão consultados livros, revistas e artigos que tratam do assunto; faremos uma pré-seleção de textos que poderão fundamentar as hipóteses de trabalho. Levantamento este baseado em autores como: SERRANO (2002), MARQUES (2000), CARBONELL (2002), PAGOTTO (2003).

1 UM REENCONTRO COM AS VIRTUDES E VALORES

O bicho

*Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.*

*Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.*

*O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato*

O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira

1.1 Definição e Importância das Virtudes e Valores

No dia a dia encontram-se situações que nos colocam problemas éticos. São problemas práticos, concretos e extremamente claros da vida em sociedade, ou seja, problemas que voltados às decisões, escolhas, ações e comportamentos exigem uma completa avaliação, um julgamento, um juízo de valor entre o que socialmente é considerado bom ou mau, justo ou injusto, certo ou errado, pela moral vigente, pelas regras impostas a sociedade.

O erro está que não estamos acostumados a refletir e buscar explicação, o porque, de nossas escolhas, dos valores, dos comportamentos. Resolvemos baseados na força do hábito, dos costumes e da tradição. Desta forma, extinguimos nossa capacidade crítica diante da realidade,

diante do que acreditamos. Explicando melhor: não costumamos fazer ética, pois não fazemos a crítica, nem buscamos compreender e explicitar a nossa realidade moral. (MANZINI COVRE, 2003, p. 18)

Deve-se ser éticos para agirmos direito, procedermos bem, sem prejudicarmos os outros; agirmos de acordo com os valores morais de uma determinada sociedade. Entretanto, essas regras morais são resultados da própria cultura de uma comunidade. Elas variam de acordo com o tempo e sua localização no mapa. A regra ética é uma questão de atitude, de escolha, de personalidade, de essência. Nada mais é do que agir direito, proceder bem, sem prejudicar os outros. É ser altruísta, é estar tranqüilo com a consciência pessoal. É cumprir com os valores da sociedade em que vive, ou seja, onde mora, trabalha, estuda....

Portanto, deve-se ser ético para ter integridade, honestidade, corajoso em assumir os erros e decisões, ser tolerante, flexível, é acima de tudo ser humilde. Essa é a verdadeira essência do porque ser ético.

Para o indivíduo ser ético ele deve trazer virtudes e valores bem trabalhados de sua infância, com uma família estruturada e uma educação infantil também bem realizada. Esta junção faz com que a criança cresça preparada para um reencontro com virtudes e valores, mas só que na fase adulta aplicá-los.

Entretanto, o que são virtudes e valores?

As virtudes e valores são aquelas qualidades de experiência humana que são consideradas tão importantes a ponto de servir como orientação para a maneira como se vive a vida. “As virtudes e valores são as luzes orientadoras que atraem o ser humano. Elas são as forças impulsoras que transmitem energia à motivação e capacidade do ser humano de viver desta ou daquela maneira” (MARQUES, 2000, p. 33). Portanto, são muito importantes; tão importantes que se precisa investigar o processo e aprender maneiras mais precisas de ensiná-las. Um fator interessante é

que as virtudes tendem a ir direto ao coração e à alma da criança, e permanece com ela com o passar do tempo, ou seja, as levam para a fase adulta (como foi retratado acima).

As virtudes e valores enfocam a construção e consolidação do caráter, paralelamente à transferência do conhecimento, através dos conteúdos específicos de cada área.

Deve-se vivenciar virtudes e valores porque elas motivam o comportamento e a atividade humana. São a fonte de energia que mantém a autoconfiança e a objetividade.

Atualmente na maioria dos países, os povos são influenciados pela ideologia materialista que cria uma cultura de acúmulo, posse, egoísmo e ganância. Em consequência as virtudes e os valores autênticos perdem o brilho da verdade e da força para sustentar e preservar uma cultura digna do ser humano. Essa distorção de princípios é uma das causas da crise em que se vive no mundo moderno, marcado pela inquietação, conflitos, insegurança, negativos e obviamente a ausência de paz (MARQUES, 2000, p. 33).

A violência, os comportamentos negativos, estimulados pelos meios e comunicação, a desagregação da família, as desigualdades sociais são alguns dos resultados visíveis de uma época contaminada pela inversão de virtudes.

Vemos no dia-a-dia milhares de crianças espancadas, milhares de presos maltratados, a prática corriqueira da tortura e da violência física contra suspeitos e presos comuns; o direito à vida é violado de tal forma que passou a ser banal a convivência com cadáveres em nossas cidades; também é comum a falta de acesso à justiça para a grande massa de expropriados, etc. (PAGOTTO, 2003, p. 19).

Este quadro indica a necessidade de reformar o comportamento humano e para que isso aconteça tem-se que resgatar os momentos de verdade e harmonia.

A escola é o local onde se aprende cada vez mais sobre o universo físico, e muito pouco sobre o mundo interior e subjetivo. Com a crescente informatização, a tendência é aumentar o conteúdo informativo, em detrimento do formativo, o que é um fator preocupante, pois se constata que essa é a principal função da escola.

Talvez a educação seja um dos caminhos mais seguros para uma transformação efetiva: um caminho para o bem comum, para uma sociedade mais justa e uma vida mais digna. Por isso a importância da escola para as virtudes e valores (SERRANO, 2002, p. 65).

Escola, portanto, é uma das portas de virtudes e valores, sem dúvida, um dos fundamentos para a democracia. Sem uma boa escola, não há justiça social, bem-estar, alegria de viver.

Mas, quando se fala de educação, não se refere a uma escola qualquer, mas sim a uma escola comprometida ao mesmo tempo com o conhecimento e com o ensino de alguns valores básicos, ligados ao convívio democrático, ao amadurecimento da cidadania.

A vida da criança se faz de trocas contínuas. Seu corpo é mutante. Nesta fase, o contato diário com virtudes positivas é imprescindível. Meninos e jovens devem saber adaptar-se ao processo gradual de transformação durante o período de crescimento.

Com a inclusão do estudo de virtudes e valores, de maneira formal e informal, nos currículos, haverá tempo para este trabalho de grande alcance. É o passo inicial do auto-conhecimento, que conduzirá à transformação para a melhoria dos relacionamentos em todos os níveis, tornando as aulas mais atrativas e a escola um rico laboratório de vivências positivas, onde crianças e jovens se desenvolverão à luz dos pensamentos e bons sentimentos.

Visando o desenvolvimento integral do indivíduo, gerando assim o bem estar interno. Segundo Marques (2000, p. 34), “o primeiro passo é o atendimento do ser e de suas qualidades inatas como paz, felicidade, verdade, pureza, amor, equilíbrio. Aquilo que buscávamos externamente encontra-se escondido no nosso subconsciente”. A tarefa é de reflorescer este potencial existente em todos nós. Cada ser humano é uma flor única e especial neste jardim redescoberto.

A conquista da auto estima é o resultado natural deste laboratório cotidiano. Assim, os desvios de personalidade que se encontram arraigados na maioria das pessoas, podem encontrar seu caminho de retorno dando a elas um significado maior para a existência.

Ciente dos efeitos nocivos de uma sociedade desestruturada sobre crianças e jovens, as virtudes e os valores levarão à comunidade estudantil possibilidades de vivenciar, refletir e praticar virtudes básicas como paz, amor, respeito.

Para os adultos, estas virtudes e valores são como bálsamo que suaviza e orienta, abrindo a possibilidade de novos horizontes.

Para crianças e jovens, a proposta bem assimilada ajudará a satisfazer suas necessidades inferiores, o que resultará em ordem e significado ao seu meio social.

Segundo Rudolf Steiner (2000, p. 32), “se o homem não se sentir unido a algo superior, por meio de laços seguros, sua vontade e seu caráter permanecerão dúbios, desintegrados e até doentios”.

Educar não é só transferir conhecimentos, mas desenvolver o bom senso, que aqui se chama de caráter, para empregar bem tal conhecimento.

É importante mobilizar a sociedade em geral para uma nova forma de educação, considerando a importância da relação “virtudes e educação” na

formação de profissionais e, conseqüentemente, no desenvolvimento de um mundo mais consciente.

A educação atual desenvolve o intelecto e as habilidades, mas faz pouco para desenvolver as boas qualidades. De que vale todo o conhecimento do mundo se não se adquire um bom caráter. As vitórias do homem nos campos da Ciência e da tecnologia têm contribuído para melhorar as condições materiais de vida. Porém, o que se necessita agora é uma transformação do espírito. A educação não deve servir unicamente para desenvolver a própria inteligência e habilidades, mas deve também contribuir para ampliar as perspectivas do homem e torna-lo útil à sociedade e ao mundo em geral (VÁRQUEZ, 2001, p. 149).

Ensinar as virtudes e valores apropriados para as crianças é uma das tarefas mais importantes e difíceis (como veremos nos próximos capítulos). Devido ao fato de que as virtudes, por sua própria natureza, são gerais e leves, freqüentemente é muito difícil passar do valor ao âmago de comportamentos específicos que devem emanar dos valores e todos têm idéias diferentes sobre que comportamentos são mais adequados. Essa é a razão porque esta série de processos funciona tão bem. Inicialmente, ela vincula uma experiência contínua a uma virtude que todos podem ver, ouvir e sentir. A integração do nível lógico difunde essa experiência para cada parte da vida da criança, e a ponte ao futuro programa as virtudes no futuro da criança, para garantir que ela vai exercer as virtudes automaticamente e sem mesmo precisar lembrar-se delas.

O ser humano precisa se conhecer o melhor possível. Conhecer é respeitar-se.

Somos a contribuição de duas realidades: o ser a consciência, o metafísico e o corpo, a estrutura física. Há dois níveis de percepção que uma pessoa pode ter sobre si mesma:

Primeira – a mais comum visa somente o corpo, ressaltando aparência física, raça, nível cultural, inteligência, qualquer ação será passageira, superficial e

desprovida de auto-realização, porque a identificação com a matéria afasta a pessoa de patamares mais elevados na relação consigo própria. Ela passa a ficar presa ao aparente e as idéias preconceituosas que deturpam a realidade, provocando tristeza e desconforto. Para Várquez (2001, p. 151),

a energia da matéria é diferente da energia espiritual, em que o pensamento está inserido. Mesmo que as ações desempenhadas sejam consideradas boas, se o estado de consciência não é correto, não está afiado, sentimentos negativos interferirão, em algum momento, criando desânimo e insatisfação naquilo que se faz.

Segunda – o outro nível de consciência, menos comum, desenvolvido por aqueles que praticam exercícios de interiorização e mediação, é a percepção de si mesmo como um ser metafísico e sutil.

“Neste estado, ao contrário da anterior, por haver consciência, uma energia superior e qualidade mais elevadas e refinadas como amor, compreensão, paz, harmonia têm campo para se expressarem” (VÁRQUEZ, 2001, p. 152).

De outra parte, estes sentimentos são facilitadores de quaisquer trabalhos. Quando pessoas se encontram nesta percepção sutil de si mesmas, as barreiras e diferenças se rompem, sejam elas físicas, culturais ou ideológicas.

Na forma energética todos são iguais em potencial e o amor pode se manifestar facilmente. As ações, mesmo as mais simples, desenvolvidas com energia de alta qualidade, trazem grande prazer durante o processo de sua realização.

1.2 Algumas Virtudes e Valores

Antes de adentrar-se no mérito da questão, ou seja, família/escola em relação às virtudes e valores é preciso determinar qual o significado que se dá as principais virtudes e valores. O que significa ter um determinado valor, ou virtude? É o que será visto neste item.

1.2.1 Amor

Segundo Marques (2000, p. 104), “os gregos utilizavam diferentes vocábulos para designar o amor, consoante à amizade, ao amor erótico ou ao amor divino”. Portanto, há várias maneiras de amar, e como se amar. Como por exemplo, o amor da mãe pelo filho, o amor da namorada pelo namorado, o amor da amiga, enfim o que todos estes “tipos” de amor devem ter em comum é que o sentimento de amar deve ser incondicional, sem esperar nada; e principalmente com companheirismo.

Assim, como a planta, fora do seu habitat natural, precisa de cuidados especiais para sobreviver, o mesmo acontece com o ser humano. O amor é oxigênio que possibilita à vida consciente desenvolver-se de forma saudável. Bons planos, muitas vezes, não chegam à concretização por falta de energia vivificadora do amor. A percepção meramente intelectual do valor de uma proposta não basta para que os envolvidos em determinado projeto estejam também com seu coração na idéia. A afetividade verdadeira é desinteressada e rara nos dias de hoje, por isso é tão procurada.

1.2.2 Amizade

Amizade é um sentimento de grande afeição, de simpatia por alguém. Afeto que liga as pessoas umas às outras. O verdadeiro amigo é aquele que é capaz de demonstrar afeto, admiração, companheirismo, tolerância, amizade pelo amigo em quaisquer circunstâncias, seja de dor, seja de alegria. O amigo é capaz de doar-se, de ser generoso em suas ações com outro, de compreender as falhas e de reconhecer as qualidades.

Aristóteles apud (MARQUES, 2000, p. 108) classifica diferentes tipos de relações de amizade:

A amizade por utilidade e por prazer constituem formas incompletas de amizade, porque, nessas formas, A deseja bem a B só na medida em que B é útil ou agradável para A, e não pelo valor intrínseco de B. As amizades desse tipo terminam sempre que B deixe de ser útil ou agradável para A. A terceira forma de amizade, que é a completa, ou seja, A ama B por ele próprio; A ama B por aquilo que ele realmente é; A ama B porque B tem um caráter virtuoso.

Portanto, amizade é um sentimento que dá confiança e equilíbrio em nossa vida.

1.2.3 Auto-confiança

Ter auto-confiança é sinal de confiança em si mesmo, nas próprias ações. Ser auto-confiante é acreditar em si mesmo, em seus sonhos, projetos, talentos. É ter ânimo, alegria, entusiasmo para fazer as coisas acontecerem.

A auto-confiança surge, naturalmente, quando há o trabalho verdadeiro do cultivo de valores.

Confiemos mais nas pessoas virtuosas e com base no mesmo princípio, confiaremos mais em nós, à medida em que formos melhores.

Muitas vezes as pessoas perdem a fé em si e se queixam de insucesso na vida, mas se examinarem sua trajetória, verão que na maioria dos casos investiram de forma errada nos seus projetos pessoais.

Algumas tendem a mergulhar cegamente nos seus empreendimentos e se esquecem dos demais componentes da vida.

Este desequilíbrio produz estresse, insegurança e complica os relacionamentos afetivos. Outras têm medo de se entregar àquilo em que acreditam e investem, parcialmente, em tudo que fazem. Por isso, seu resultado é parcial.

Quando há auto-confiança, o investimento se faz na medida certa, o que contribui grandemente para o sucesso de um empreendimento.

Mesmo que o sucesso externo não aconteça, há o ganho da auto-satisfação: o que era preciso ser feito, foi feito. Não existirão culpas ou remorsos. Se seguir a visão de suas próprias qualidades, será fácil alcançar auto-confiança.

1.2.4 Auto-conhecimento

É conhecer a si mesmo, as características da personalidade, os próprios sentimentos, gostos, preferências, necessidades, sonhos, etc.

O auto-conhecimento é muito importante para a nossa vida.

Quando nos conhecemos compreendemos melhor nossas próprias atitudes. Somos capazes de nos perdoar, porque somos capazes de reconhecer nossos erros e recomeçar. Quando compreendemos as razões das nossas ações é muito mais fácil mudá-la quando preciso.

1.2.5 Auto-estima

A auto-estima consiste na aceitação, na valorização de si mesmo, e é essencial para uma vida saudável, pois permite o reconhecimento do nosso verdadeiro valor das nossas habilidades e talentos, faz no sentir quanto somos únicos e especiais.

A auto-estima é parceira do amor que deve começar por nós mesmos e é promotora da confiança, da criatividade, do entusiasmo, deixa-nos longe do fracasso, do medo, da descrença, da mágoa, da raiva, da tristeza e da apatia.

Reconhecer o nosso poder pessoal, ter auto-estima elevada nos faz ter interesse por tudo, querer fazer sempre o melhor, nos une com a alegria que nos convida ao riso e nos proporciona uma vida feliz.

Aceite-se! Ame-se! Sorria! Cante! Dance! Seja feliz!

1.2.6 Coragem

Coragem vem do latim *cor*, que significa coração.

Assim, é porque os romanos consideravam que a coragem tem mais a ver com o coração do que com a razão. É uma força, uma força da alma, uma das quatro virtudes cardinais. É um poder de ação física e moral. Uma causa agente que produz um efeito. É uma energia física e moral. A coragem é o mesmo que a bravura e a firmeza. O seu contrário é a fraqueza (MARQUES, 2000, p. 121).

A coragem é a firmeza do espírito diante de situações de perigo, situações difíceis.

O corajoso é aquele que não demonstra ter medo, arrisca, ousa, é perseverante, paciente, não desanima nunca, não desiste e sempre acredita que é possível encontrar soluções para todo tipo de problema do dia-a-dia.

O corajoso enfrenta seus próprios medos, inseguranças e sempre alcança a vitória. Além disso, ele respeita a si mesmo e aos outros, pois muitas vezes é a coragem que lhe dá forças para dizer “não” quando é necessário.

Em suma, “a pessoa corajosa só enfrenta o perigo quando é necessário. Não o procura, mas é capaz de o enfrentar quando é necessário” (MARQUES, 2000, p. 122).

1.2.7 Esperança

É o sentimento que nos faz acreditar que é possível realizar nossos desejos e sonhos.

Ela nos proporciona força interior, nos faz acreditar, nos impulsiona, nos faz suportar os problemas do dia-a-dia, pois quando temos esperança sabemos que tudo é possível de ser realizado, alcançado, que tudo é passageiro, que tudo tem solução, que sempre existe uma luz no fim do túnel, um caminho a ser explorado, algo a ser descoberto.

A esperança nos faz levantar quando arrasados, pois sabemos que sempre podemos recomeçar.

Ela nos faz crer que o impossível pode ser possível.

1.2.8 Fé

Ter fé significa ter confiança absoluta em alguém ou em algo. No sentido religioso é depositar confiança, é crer em seres transcendentais sem necessitar de fundamentos racionais.

Ter fé é acreditar, é confiar, é ter firme convicção nos propósitos religiosos, é confiar em Deus, mesmo sem poder vê-lo e agir de acordo com seus ensinamentos. A fé nos estimula, nos impulsiona a criar, a transformar, a agir, a ajudar o próximo, aderindo verdadeiramente às verdades divinas.

A fé nos liberta do individualismo, da competição, e faz crescer em nós o espírito de solidariedade, altruísmo e lealdade.

É um fato, que é psicológico, e uma virtude, que é moral. Como fato, é a conformidade dos atos e das palavras com a vida interior, ou desta consigo mesma.

Virtude *aletheiagal*, porque tem a própria vontade como objeto.

Não, que a fé valha como certeza, nem mesmo como verdade, mas que o homem de boa-fé tanto diz o que acredita, mesmo que esteja enganado, como acredita no que diz.

Ser de boa-fé não é sempre dizer a verdade, pois devemos nos enganar, mas é pelo menos dizer a verdade sobre o que cremos, e essa verdade, ainda que a crença seja falsa, nem por isso seria menos verdadeira.

A fé é uma sinceridade ao mesmo tempo transitiva e reflexiva. Ela rege, ou deveria reger, nossas relações tanto com outrem como conosco mesmos. Ela quer o máximo de verdade possível, de autenticidade possível, e o mínimo, em consequência, de artifícios ou dissimulações. Não há sinceridade absoluta, mas tampouco há amor ou justiça absolutos: isso não nos impede de tender a elas, de

nos esforçar para alcança-las, de às vezes nos aproximarmos delas um pouco...A fé é esse esforço, e esse esforço já é uma virtude. Virtude intelectual se quisermos, pois, refere-se à verdade, mas que põe em jogo a totalidade de um indivíduo, corpo e alma, sensatez e loucura.

A fé prova nada. Quantos canalhas sinceros, quantos horrores consumados de boa-fé.

A fé, como todas as virtudes, é o contrário do narcisismo, do egoísmo cego da submissão de si a si mesmo. É por intermédio disso que ela tem a ver com a generosidade, a humildade, a coragem, a justiça.

Que a fé tenha sobretudo de haver-se com a gabolice, pois resiste a ela, foi o que Aristóteles percebeu muito bem e que confirma sua oposição ao narcisismo ou ao amor-próprio.

Ser de fé é dizer o que se pensa ser verdadeiro: é ser fiel à sua crença, é submeter-se à verdade do que se é ou se pensa.

É o espírito, que prefere a sinceridade à mentira, o conhecimento, à ilusão, e o riso à seriedade.

Por isso a fé ao humor, assim como a má-fé, à ironia.

1.2.9 Honestidade

Esta é a qualidade de honesto. Ser digno de confiança, justo, decente, consciencioso, sério.

Ser honesto significa ser honrado, ter um comportamento moralmente irrepreensível.

Quando evitamos o fingimento, a falsidade, a mentira, os preconceitos, as mesquinhas, as ilusões, estamos sendo honestos.

A honestidade é parceria da verdade e ambas são necessárias para melhorar o caráter.

1.2.10 Humildade

Ser humilde é ser modesto, ou seja, não ser vaidoso; é pensar, falar de si mesmo sem exageros, com simplicidade.

A humildade é uma virtude que deve ser cultivada, pois deixa clara a igualdade entre as pessoas, mesmo na diversidade.

A humildade faz com que possamos perceber que não somos o centro do mundo e ajuda-nos a reconhecer o valor de todos os que nos cercam, permitindo, assim, o fim da disputa do poder.

Ser humilde não significa ter baixa auto-estima, significa não ser orgulhoso.

A humildade nos remete a cooperar, a compartilhar pensamentos, idéias e ideais com todos à nossa volta, tornando nossa vida mais significativa.

A humildade é a virtude que impede a dissimulação, a vaidade. É o contrário do narcisismo, da pretensão.

O humilde não simula, mas não nega a consciência ou o pensamento, apenas não se deixa enganar por ambos.

Esta é a virtude possível e necessária.

1.2.11 Justiça

Conforme retrata MARQUES (2000, p. 105), “ a justiça está embasada no Direito. Significa retidão, exatidão. O seu contrário é a injustiça e a iniquidade”.

Portanto, a justiça é a virtude que consiste em estar de acordo com o que é direito, com o que é justo; é o reconhecimento do mérito, da qualidade de alguém ou de algo, é o poder de fazer valer o direito de cada um. Agir com justiça significa agir de acordo com o direito, garantindo que cada um tenha aquilo que é seu.

Existem formas terríveis de injustiça que estão presentes em todo o planeta. São aquelas que impedem a sobrevivência digna do ser humano, como a fome, a violência ou a miséria, e aquelas causadas pelo preconceito, como no caso da discriminação racial ou por crenças religiosas. Quando somos preconceituosos impedimos que o outro exerça seus direitos, pois retiramos dele o princípio fundamental da igualdade. Podemos perceber então que a justiça garante também nossa liberdade, porém deve-se ter como limite o direito do outro.

1.2.12 Respeito

É a ação ou o ato de respeitar ou respeitar-se. “Respeito é o sentimento que leva alguém a tratar os outros ou alguma coisa com grande atenção, ter em consideração, não causar dano a si mesmo e aos outros” (MARQUES, 2000, p. 97). Respeitamos os outros quando respeitamos a nós mesmos. Não devemos nos deixar levar pelas aparências, muito menos julgar alguém superficialmente.

Preconceito, discriminação, exclusão são amostrar vivas da falta de respeito entre as pessoas; devemos evitar cultivá-lo em nossos corações.

Desde pequenos nos acostumamos a ouvir que “todos nascem iguais e livres”, ou então que “todos são iguais perante a lei”. O que significa isso? Essa é a verdade que vemos nas ruas? Ou são apenas meras declarações¹ formais expressas em belos documentos que ganharam importância histórica? Na verdade, as idéias que nos passaram de que todos somos iguais, livres e temos os mesmos direitos foram enunciadas solenemente em algumas declarações que passaram para a história dos povos”. O que se deve perguntar é se os direitos enunciados em tais declarações são os verdadeiros ou os únicos direitos do homem. E se esses direitos são ou não verdades eternas, naturais. E no caso de não o serem, como e por que se escolheu apenas esses direitos como os fundamentais para o ser humano(DORNELLES, 1989, ps. 8/9).

Deve-se olhar dentro do coração e descobrir se carrega algum tipo de preconceito, se se julga superior a alguém, se encontrar algum tipo de preconceito, desfaça-se dele; você estará tendo uma atitude de respeito.

Devemos respeitar todos os que estão à nossa volta, mesmo aqueles que pensam, sentem e agem de forma diferente da nossa.

1.2.13 Responsabilidade

A responsabilidade implica responder pelos próprios atos, palavras e ações, ou seja, assumir o que se fala e se faz; implica arcar com as conseqüências do próprio comportamento e cumprir os compromissos assumidos.

Adotar uma atitude responsável é assumir a própria vida, é decidir por si mesmo, é respeitar a si mesmo, cumprir com os deveres e fazer cumprir os próprios direitos, respeitando sempre os direitos dos outros, é reconhecer os próprios erros e aprender com eles, é ser sensato não perder a noção dos seus limites e dos limites dos outros.

¹ “Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos (...). Todo homem tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidas nesta declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição (...). Todo homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal” (artigos I, II e III da Declaração Universal dos Direitos do Homem proclamada a 10 de dezembro de 1948 pela Assembléia das Nações Unidas).

Existe um princípio básico da vida que se chama “lei do carma”. Ensina que tudo que fazemos retorna a nós, na mesma proporção. Colhemos o que plantamos.

Parece simples entender a equação mas quando surgem certas situações embaraçosas, dificilmente buscamos a origem delas nos nossos atos. A culpa sempre está no outro. Desta forma, parece que nos tornamos leves e descomprometidos mas, na verdade ficamos impotentes para mudar a realidade dos fatos.

Aqueles que têm dificuldade de assumir responsabilidades, sempre buscam uma forma de justificar seus insucessos. Responsabilidade é a habilidade de responder pelo que assumimos. É a coragem de aceitar e se comprometer. Como fruto, haverá auto-realização.

1.2.14 Solidariedade

É um laço, compromisso ou ligação mútua entre duas ou mais pessoas, as quais se tornam dependentes umas das outras. Ser solidário é ser capaz de manifestar sentimento de simpatia, ternura, pelos que sofrem, pelos injustiçados. É confortar, ajudar, consolar os que nos cercam. É respeitar os outros e agir de maneira coerente e justa, de forma a garantir os direitos fundamentais de todos. A justiça leva à solidariedade, pois, ao nos indignarmos e agirmos contra os atos ou situações injustas, estamos sendo solidários.

1.2.15 Tolerância

É a virtude que permite aceitarmos os outros como ele são, mesmo se as maneiras de pensar, sentir e agir forem opostas às nossas. É uma força interior que nos faz suportar situações das mais adversas com as pessoas que fazem parte do nosso convívio. Ser tolerante é ser capaz de perdoar aqueles que nos ofendem, é ser capaz de observar fatos e situações com calma, tranqüilidade; é ser capaz de ouvir, de respeitar as opiniões diferentes das nossas sem gerar conflitos.

A tolerância obriga a respeitar a regra de outro: 'não faças aos outros o que não queres que te façam a ti'. Neste sentido, estamos perante uma ética do dever, portanto que se limita a evitar fazer mal aos outros (MARQUES, 2001, p. 98).

É uma das tantas virtudes, necessárias para elevar o ser humano à condição de civilidade. Ela faz parte do processo de desenvolvimento ético de indivíduos e grupos, cuja meta é levá-los a manter a disposição firme e constante para praticar o bem. Implica em dois sentidos. "Ser virtuoso", tanto pode ser sujeito com disposição de praticar o bem, como também pode ser toda pessoa que domina em alto grau a técnica de uma arte.

Na tradição da filosofia moral, a tolerância não é exatamente considerada uma "grande virtude" ou "virtude cardinal", tal como é a justiça, a coragem, a prudência e a temperança ou moderação.

Contudo, ela não deve ser posta do lado das chamadas "pequenas virtudes", como é o caso da polidez. A tolerância deve ser vista numa posição especial, de entremeio das virtudes, sendo mais que respeito, polidez ou piedade. A tolerância deve ser um ato constante de prevenção.

A tolerância é uma espécie de sabedoria que supera o fanatismo. A tolerância é exercício necessário para se conquistar a sabedoria (STEINER, 1995).

A tolerância deve ter limites, a tolerância só vale, pois, em certos limites, que são os de sua própria salvaguarda e da preservação de suas condições de possibilidade. Se a tolerância pudesse existir sem limites, se fosse uma virtude universal, onde todos fossem plenamente respeitados e respeitadores das diferenças humanas, provavelmente o mundo seria melhor de se viver. É fato que, aprendemos hábitos, conhecemos coisas, refletimos sobre idéias e teorias, mas nossa educação não ensina sobre como devemos relacionar com os outros. No fundo tendemos a ver o outro como um inferno.

O problema existencial do ser humano é conviver com o tolerável em relação ao outro.

Fica a cargo da ambiência cultural desenvolvimento psíquico, aprendemos a superar nossa onipotência narcísica infantil, que abriria caminho para um radical e efetivo “exercício da tolerância”, ou seja, aceitar a conviver com o outro como ele pensa.

1.2.16 Paciência

É a capacidade de suportar adversidade, incômodos e dificuldades de toda ordem.

É a capacidade de persistir em uma atividade difícil, de ser perseverante, de esperar o momento certo para certas atitudes, capacidade de ouvir alguém, sem pressa; capacidade de se libertar da ansiedade.

A era moderna, dos botões e tecla, da instantaneidade, nos coloca ansiosos por resultados e nos estimula a desvalorizar o processo de transformação. Não ansiar por resultados imediatos mas a todo momento valorizar cada parte que vai sendo concluída e não olhar o que falta fazer. A paciência é uma das virtudes mais importantes para a pessoa que almeja o autoconhecimento e também o desenvolvimento espiritual. Ela deve fundamentar-se no exercício de outras virtudes e a satisfação interior é uma delas.

1.2.17 Verdade

É aquilo que está de acordo com os fatos ou a realidade com exatidão, autenticidade. Princípio certo e verdadeiro. Procedimento sincero, honesto, verdadeiro.

Ser verdadeiro é estar comprometido com verdade, é não dar espaço para a mentira, para a falsidade, em seu coração, é falar sempre a verdade; é não iludir ninguém, não ser hipócrita, não ser fingido.

É ser coerente em suas ações e arcar com as conseqüências dos seus atos.

Somos todos iguais como seres humanos. Por isso devemos combater qualquer forma de discriminação e de arrogância, agindo solidariamente uns com os outros. E para que este ato ocorra família e escola devem “caminhar” juntas em busca dos ensinamentos das virtudes e valores.

Será que atualmente isso ocorre? É o que será visto no capítulo seguinte.

2 A REALIDADE DOS ENSINAMENTOS DAS VIRTUDES E VALORES NA ESCOLA E NA FAMÍLIA

Com as mudanças ocorridas durante o século XX, tanto no campo das relações humanas como no da educação, as pessoas foram aprendendo a respeitar as crianças, entendendo que elas têm, sim, querer, gostos, aptidões próprias e até indisposições passageiras — exatamente como nós, adultos. Com isso, sem dúvida, muita coisa melhorou para as crianças — e, claro, para nós adultos também. O relacionamento entre pais e filhos ganhou mais autenticidade, menos autoritarismo. O poder absoluto dos pais sobre os filhos substituído por uma relação mais democrática. E o entendimento cresceu... Todos ficaram felizes...

Tânia Zagury

Neste capítulo, como o próprio título retrata, irá ser mostrado e estudado como a família e a escola ensinam as virtudes e valores ao filho/ao aluno. E no terceiro e último capítulo será revelado como deveria ser realizado este processo tão importante da vida de uma criança, através da junção família/escola.

2.1 Ensinos das Virtudes e Valores Na Família

Já diziam nossos avós, bisavós: a educação vem de berço.

Portanto, a família pode contribuir e muito com os ensinamentos das virtudes e valores, estes já comentados no capítulo anterior, através de algumas práticas.

Em linhas gerais nada deve ser imposto pelos pais, mais sim trabalhado, disciplinado com amor, carinho e atenção em se tratando do que os pequenos aprendizes dizem e fazem no dia-a-dia.

Disciplina é o conjunto de regras éticas para atingir um objetivo. A ética é entendida, aqui, como o critério qualitativo do comportamento humano, envolvendo e preservando o respeito ao bem estar biopsicosocial.

O autocontrole é aprendido e a criança irá adquiri-lo somente através de atitudes firmes, delicadas, razoáveis e consistentes por parte dos pais. Dessa forma, quando ela chega à escola, vai ser capaz de acatar o que lhe é ensinado e de respeitar as virtudes e valores que lhe são ensinados, facilitando assim tanto sua adaptação como sua aprendizagem escolar. Em verdade, a disciplina é o alicerce do autocontrole, um edifício que se constrói desde cedo no desenvolvimento da pessoa. Por essa razão, a disciplina, enquanto recurso formador de bons hábitos e atitudes, construtora das virtudes e valores deveria começar desde o nascimento, com medidas simples, como por exemplo, a regularidade nos cuidados diários e nas rotinas do lar, ou mesmo como agradecer a babá pelo leite, a mamãe pela comida gostosa; cumprimentar os familiares ao chegar em casa, enfim com os pequenos gestos que os pais ensinam virtudes e valores às crianças, os quais levarão para o resto de sua vida.

Às vezes os pais se queixam que é difícil ajudar neste ensinamento, que os filhos não obedecem e acabam fazendo o que querem. Logicamente, que para algumas crianças não é fácil explicar e convencê-las a aprender e principalmente a aplicar virtudes e valores, principalmente para aquelas que nunca tiveram essa experiência. Em primeiro lugar, é necessário que exista envolvimento dos pais em

relação a tais aspectos, ou seja, os pais têm de sentir a necessidade de passar “aos pequenos” estes maravilhosos atos e realmente se empenhar nessa tarefa.

Ao contrário do que parece a quem nunca teve filhos, educar uma criança é um processo muito, muito complexo, com situações totalmente inesperadas para a maioria dos pais, que nem sonhavam em ter tanto trabalho, todo dia, todas as horas do dia (ZAGURY, 2003, p. 31).

A criança que não aprende a desenvolver, a praticar virtudes e valores conseqüentemente estes não irão fluir de seu interior. E será uma criança cheia de desejos e vontades, que tudo quer e tudo pode e o pior desenvolverá um quadro de dificuldades que se vai instalando passo a passo, como se segue:

descontrole emocional, histeria, ataques de raiva; dificuldade crescente de aceitação de limites; distúrbios de conduta, desrespeito aos pais, colegas e autoridades, incapacidade de concentração, dificuldade para concluir tarefas, excitabilidade, baixo rendimento; agressões físicas se contrariado, descontrole, problemas de conduta, problemas psiquiátricos nos casos em que há predisposição. (ZAGURY, 2003, p. 48)

Isso tudo quando criança. E quando crescer, um adulto mal-educado, egoísta, egocêntrico, invejoso, sem amor ao próximo. Portanto, a criança precisa aprender a ter ética, ter integridade, honestidade, ser corajoso em assumir os erros e decisões, ser tolerante, flexível, é acima de tudo ser humilde. Essa é a verdadeira essência de como ser um futuro cidadão.

Ser cidadão, portanto, é participar o máximo possível da vida em comunidade, para que seja possível compartilhar com os semelhantes as coisas boas da vida, como as materiais e as culturais. Ser cidadão é, ainda, opor-se a toda forma de não participação. Ser cidadão é, enfim, adotar uma postura em favor do bem comum. Somos todos iguais como seres humanos. Por isso devemos combater qualquer forma de discriminação e de arrogância, agindo solidariamente uns com os outros.

Como já foi dito, a família pode ajudar a transmitir virtudes e valores através de algumas práticas, como por exemplo:

- Re-adquirir a prática do diálogo, atualmente o diálogo entre pais e filhos está cada vez mais difícil pela vida movimentada que todos levam. Mas esta prática deve ser revista, ou seja, os pais devem conversar muito com o filho. Ensinar que as virtudes e valores são atos, ações, qualidades que o farão um ser humano melhor, uma pessoa de verdade.

- Ajudar os filhos a terem uma postura crítica diante dos meios de comunicação (consumismo, contra-valores, exploração da sexualidade, mentiras do sistema, etc.).

- Ajudar os filhos a pensarem sobre o sentido da vida: viver para que? Para ser “esperto”, para levar vantagem em tudo? Para ser rico, para “subir na vida a qualquer custo”? Sem uma perspectiva, sem um conjunto de valores, sem um projeto de vida, corre-se o risco de se cair no “vale-tudo”, oportunismo, violência, desânimo, drogas, suicídio. Para muitos pais a opção que se coloca em relação ao destino de seus filhos é a seguinte: ou o filho vai ser brilhante, o melhor, o primeiro, o mais esperto para conseguir se sair bem na vida, ou será um perdedor, um “Zé-ninguém”, um eterno subalterno, desqualificado, explorado pelos outros, etc. Há que ser perceber a possibilidade de uma nova perspectiva, que supera dialeticamente as duas anteriores: ser uma pessoa competente e ao mesmo tempo solidária, comprometida com a transformação social. É a mostra da virtude, do valor: amor, solidariedade.

- Não acobertar os erros dos filhos. Os pais devem ser sempre verdadeiros e não parciais, ou seja, mesmo os filhos estando errados devem dizer isso a eles sem

meias palavras. Aqui se mostra algumas virtudes e valores: justiça, respeito, verdade.

- Acreditar nas possibilidades do filho e ao mesmo tempo encoraje-o.

Também a prática de outro valor: a coragem.

Quando ele comete um erro, lembrar de Santo Agostinho: “Odeie o erro, mas ame o pecador”. Desenvolver em casa uma “pedagogia da participação” (nas decisões, nas despesas, nos trabalhos domésticos). Distribuir tarefas, atribuir responsabilidade, ao invés de fazer pelos filhos (mesmo que no começo não façam tão bem ou tão rápido como desejaríamos). Não se sentir inferiorizado(a)/culpado(a) por ter conflitos na família: a imagem que se passa de família ideal (mar de rosas) é falsa, não corresponde à realidade. O importante é saber enfrentar os conflitos, as contradições, e não camuflá-los. Não sentir culpado(a) por ficar pouco tempo com o filho, por ter que trabalhar muito para sustentar a casa. Lembrar que o importante é a qualidade do tempo que se fica com o filho. Paralelamente, há necessidade da família abrir-se, comprometer-se com a luta para que todas as famílias tenham condições dignas de existência: emprego, salário, habitação, saúde, educação, (creche, escola, universidade), lazer. (LOURENÇO, 1996, p.119).

- Em relação aos limites: superar a oscilação entre a permissividade (“tudo pode”), omissão e o autoritarismo (“nada pode”, norma pela norma). Estabelecer e cumprir limites. Assim a criança verá o que é certo, e o que é errado, ou seja, aprenderá que praticando virtudes e valores em seu dia-a-dia tudo será mais atrativo.

Percebe-se hoje, duas realidades contraditórias nas famílias: ou a ausência de regras, ou imposição autoritária de normas. Muitas vezes, por um medo interno de não serem aceitos, os pais acabam estabelecendo e/ou não fazendo cumprir os limites, levando a uma relação permissiva. Outras vezes, sentindo necessidade de fazer alguma coisa, mas não tendo clareza, acabam impondo limites, sem explicitar a razão.

- Nunca dizer um não a um filho sem dizer o porquê, pois algumas vezes a criança pode não entender o que se propõe como algo melhor para ela, mas nem

por isto deve-se ceder ou deixar de explicar. A razão tem que ser dita, e não simplesmente dizer “isto é para o seu bem”. A criança ainda não tem “a lógica da vida”, ela não sabe que um determinado valor ou virtude lhe tornará mais humano, um ser melhor. Portanto os pais devem explicar. Eis outra virtude, valor em prática: os pais sendo humildes em explicar o tão horrendo “não”.

- Não se pode cair no argumento de senso comum: “na vida toda você vai ter regras aqui em casa também” (estas regras são para mostrar, aplicar os valores e virtudes). Se os pais fizerem isto, estarão apenas preparando os filhos para a adaptação passiva nos esquemas atuais da sociedade, ao invés de desenvolver uma atitude consciente, ou seja, de saber o sentido, de questionar a legitimidade dos valores e virtudes.

- Em relação à escola: a família deve valorizar a escola e o estudo, superar a visão da escola como “mal necessário” para a ascensão social. Não sufocar a curiosidade da criança: estimular o gosto pelo conhecimento. Acompanhar sempre a vida escolar e não apenas quando o filho tem “nota vermelha”. Ainda existem pais que diante dos resultados não satisfatórios na escola, ameaçam ou chegam mesmo a espancar fortemente os filhos. Com isto, não resolvem o problema e ainda criam uma barreira com as crianças. Se a criança está mal, é preciso ver qual a causa: para isto a receita mágica: diálogo. Pois do contrário, gerará violência, e logicamente este mesmo filho (aluno) não respeitará valores e virtudes, regra alguma na escola, pois violência gera violência, que resultará em indisciplina escolar.

O que é importante é que o pai/mãe equipem seus filhos com um instrumental de relacionamento social que lhes permita interagir positivamente com o mundo. Que eles compreendam que, se trabalharem e produzirem poderão usufruir de suas benesses; que, por outro lado, se somente esperarem que tudo lhes chegue pronto

às mãos, provavelmente terão poucas chances de conseguir o que almejam; se são amáveis e respeitosos, terão esse mesmo tratamento em troca; que saibam lutar pelo que desejam, sem que isso signifique pegar uma arma e arrancar o que se quer das mãos de outros, que lutaram honestamente para consegui-lo. Em outras palavras, os pais devem passar aos filhos que tudo na vida deve-se realizar embasados em virtudes e valores.

São essas lutas que o pai/mãe tem de travar com seus filhos, dia após dia, hora após hora, minuto após minuto. É uma tarefa árdua, longa e cansativa, porém é a melhor forma para se ter filhos cidadãos, responsáveis e conscientes de seus direitos e deveres, em vez de criaturas egocêntricas, anti-sociais, hedonistas ao extremo, sem capacidade de luta, sem tolerância à frustração e, em consequência, sem capacidade de adiar satisfação.

A escola é uma instituição que muito irá colaborar com os pais nesse sentido, mas nunca os poderá substituir. A família é a base, o alicerce de uma ótima estrutura voltada às virtudes e valores. Contudo, os pais somente ensinarão as virtudes e valores para seus filhos se eles derem exemplo no dia-a-dia, ou seja, praticarem. Desta forma, sem dúvida alguma as crianças aprenderão com imensa espontaneidade e não por imposição.

2.2 Ensinos das Virtudes e Valores Na Escola

O educador deve ajudar a construir os ensinamentos das virtudes e valores.

Para realizar qualquer trabalho educativo que tenha como finalidade a contribuição para os ensinamentos das virtudes e valores, é necessário ao professor, como requisito primeiro e essencial a participação efetiva na construção

do projeto pedagógico da escola. Nessa participação está implicados um conhecimento crítico da realidade na qual se desenvolve o trabalho, do grupo com o qual se vai intencionalmente estabelecer uma relação de aprendizagem, do conjunto dos profissionais da instituição, e de si próprio — dos limites e possibilidades que se criam para o exercício de uma prática pedagógica competente.

A função docente exige do professor uma série de condutas que o farão reconhecido como alguém que utiliza o seu saber e o seu poder como um recurso para o bem da coletividade com quem trabalha, fazendo bem o que lhe compete. Exige, além disso, determinadas virtudes, qualidades, que poderão auxiliá-lo no dia-a-dia, como a humanidade, a curiosidade, a coragem, a capacidade de decidir e de colocar limites, comprometendo-se na busca dos objetivos que se propõe: ensinar e trabalhar as virtudes e valores.

O conhecimento crítico da realidade em que se desenvolve seu trabalho e dos valores que aí se encontram e que o norteiam é ponto de partida para organização do trabalho do professor na escola. Esse conhecimento envolve questões diretamente relacionadas ao trabalho em sala de aula questões mais amplas, que extrapolam esse âmbito. O professor assume ao mesmo tempo duas tarefas: uma delas é conhecer melhor os seus alunos, tanto no que diz respeito estritamente ao processo ensino e aprendizagem como a desejos, interesses, dificuldades, experimentados por eles em suas vidas; outras é a ampliação do conhecimento de si mesmo.

O professor deve perceber as reais necessidades dos alunos (conteúdo significativo e metodologia participativa), pois assim será mais fácil trabalhar as virtudes e valores com os alunos, através da motivação. Pois, a aprendizagem de virtudes e valores pelas crianças da Educação Infantil requer o reconhecimento, por

parte dos adultos, das características psicológicas e sociais dessa fase. É um aprendizado longo, complexo, contínuo, não linear e às vezes difícil para a criança, exigindo do professor a criação de estratégias que possibilitem o desenvolvimento das atitudes desejáveis.

As crianças apreciam muito os sinais de confiança que os adultos lhes dão quando mostram que acreditam neles. E ficam tristes e infelizes quando incessantemente reparam olhares suspeitosos sobre eles, quando percebem que são, sem mais nem menos, considerados desonestos, sem palavra, sem caráter. Sentem-se injustiçados num ambiente de suspeição. Precisam perceber que confiam neles e que serão cobrados por merecer tal crédito. Para alguém ter e permanecer tendo confiança em si, nada melhor do que sentir que os outros acreditam em sua palavra. Negar-lhes esse direito resulta em distanciá-los de um convívio social enriquecedor. (RIOS, 1995, p. 44)

A investigação sobre a realidade assume papel importante no processo de ensino e aprendizagem, na medida em que possibilita um conhecimento ampliado das características das famílias dos alunos, da estrutura de atendimento da região em saúde, cultura, esporte, lazer. Conhecendo criticamente essa realidade, o professor terá condições de pensar em conteúdos significativos em se tratando de virtudes e valores que orientem a construção do plano de ação da área de conhecimento com o qual trabalha e pensar em como adequar o conteúdo previamente estabelecido à realidade em que atua.

A busca de conhecimento de si mesmo é outro desafio para o professor. Ele é parte integrante da realidade que investiga. É importante pensar que ele tem como desafio fazer a leitura da realidade com o objetivo de coletar informações para compreendê-la, isto é, buscar, seu sentido, sua significação. Isso requer do professor discernimento para que o seu juízo de valor e suas crenças ainda que influenciem, não determinem por princípios os rumos da investigação. (RIOS, 1995, p. 44)

Do ponto de vista dos ensinamentos das virtudes e valores, é fundamental que, ao planejar as atividades que serão trabalhadas com os alunos, os professores

selecionem conteúdos que explicitem e despertem a curiosidade pelas diferentes formas de organização social e culturas existentes no mundo e pelos diferentes valores e virtudes que sustentam o convívio, na escola e fora dela.

O professor e os adultos que convivem com o aluno na escola precisam estar atentos, especialmente para os aspectos que envolvem as relações pessoais no interior do processo de ensino e aprendizagem. A atenção, a afeição, a amizade, o distanciamento, a omissão, contribuem para a formação de atitudes desejáveis ou não, e conseqüentemente da formação de valores e virtudes.. Ao longo de sua vivência na escola o aluno desenvolve uma série de idéias sobre o papel dos adultos, posicionando-se frente a esse papel de acordo com as respostas que recebe nas diversas situações. O comportamento dos adultos funciona, muitas vezes, como modelo, afirmado ou negado pelos alunos. Se o objetivo do trabalho com o tema virtudes e valores é a formação de atitudes de bem viver em comunidade, é importante que haja uma atenção especial com a qualidade das relações que se pretende viver na escola. Eis aqui fato idêntico ocorrido na família: os pais devem dar exemplo prático, exemplo no dia-a-dia de aplicações de virtudes e valores, os professores também. As crianças, principalmente da fase da Educação Infantil aprendem o que presenciam, vivenciam.

A gestão democrática da escola supõe a participação de todos nas decisões que ali se tomam. As decisões tomadas entre quatro paredes, apenas por uma pessoa ou por um pequeno grupo, comprometem todo o convívio escolar, causando desagradáveis situações de revolta, desinteresse e omissão. A participação exige uma tomada de consciência sobre os valores presentes no processo educacional e um posicionamento crítico em relação a eles. Quando juntas para decidir algo, mesmo com a intenção de colaborar com a melhoria da vida em comum, as pessoas deixam transparecer suas crenças, suas preferências pessoais, e mostram às vezes resistência a considerar posicionamentos diferentes ou opostos. A explicitação dos diferentes posicionamentos, o debate, a troca e a consulta a todos que fazem parte da instituição, à luz de princípios eleitos por seus membros como norteadores da ação, auxiliam as tomadas de decisão (RIOS, 1995, p. 45).

Nas instâncias de participação em que estão presentes membros que representam os diferentes segmentos da escola, com frequência surgem conflitos que exigem negociação, para que a escola realmente atenda os anseios da comunidade e ao mesmo tempo seja valorizada por ela.

Uma educação voltada aos ensinamentos de valores e virtudes se ocupará em promover entre os alunos a vivência da cidadania e da ética, sustentadas pelo conhecimento de alguns importantes fundamentos, expostos a seguir.

- Existem regras e leis que definem direitos e deveres na sociedade. É importante conhecer seu caráter histórico e sua relação com situações presentes.
- As regras existentes na escola viabilizam a convivência em seu interior e com comunidade, e precisam ser claras e conhecidas por todos.
- A elaboração das regras deve ser vivenciada coletivamente, na busca de alternativas para problemas enfrentados no cotidiano escolar.
- A participação na elaboração e discussão das regras é parte de uma vivência mais ampla de todos no contexto escolar e na comunidade. (RIOS, 1995, p. 46)

Trazer as virtudes e valores para o espaço escolar significa enfrentar o desafio de instalar, no processo de ensino e aprendizagem que se realiza em cada uma das áreas de conhecimento, uma constante atitude crítica, de reconhecimento dos limites e possibilidades dos sujeitos e das circunstâncias, de problematização das ações e relações e das regras que os norteiam.

Configura-se, assim, a proposta de realização de uma educação moral que proporcione às crianças de sua autonomia, entendida como capacidade de posicionar-se diante da realidade, fazendo escolhas, estabelecendo critérios, participando da gestão de ações coletivas.

Talvez a educação seja um dos caminhos mais seguros para uma transformação efetiva: um caminho para o bem comum, para uma sociedade mais

justa e uma vida mais digna. Por isso a importância da escola em se tratando de conhecimentos de virtudes e valores.

Mas, quando se fala de educação, não se refere a uma escola qualquer, mas sim a uma escola comprometida ao mesmo tempo com o conhecimento e com o ensino de alguns valores básicos, ligados ao convívio democrático, ao amadurecimento da cidadania.

Os alunos poderão ser lembrados constantemente que devem “aprender” e “praticar” virtudes e valores no seu dia-a-dia. Assim o professor deverá:

- Trazer notícias importantes do país para serem discutidas com a classe: muitas das notícias veiculadas nos jornais ou na TV podem ser excelentes temas para debate com a classe. E assim explicar as virtudes e valores dentro do artigo.

- Estimular a participação coletiva dos alunos na sala de aula: há numerosas situações de sala de aula que exigem a tomada de decisões conjuntas entre professor e alunos. É o caso das regras de convívio no dia-a-dia. Aqui também estarão presentes as virtudes e os valores: justiça, respeito, paciência.

- Quando surgir conflitos entre os alunos, o que é normal, o professor deve usar novamente o recurso da discussão do problema com a sala e investigar, junto com eles, quais as melhores alternativas para uma boa solução. Em suma, o professor deve estimular ao máximo a participação ativa dos alunos no que se refere às decisões coletivas. É o início de uma vida cidadã, uma vida com virtudes e valores.

- Valorizar a participação ativa dos alunos na sociedade: ao final da aula o professor deve propor que os alunos comparem a realidade que vivem em família e na escola em relação a prática das virtudes e valores, e de como gostariam que fossem.

E para finalizar fica uma mensagem de Marques (2000, p. 49):

No fundo, não vale a pena investir em programas de educação em valores e virtudes que ofereçam uma educação moral meramente formalista, que subvalorize a dimensão afetiva e a dimensão volitiva e esqueça que a educação em valores e virtudes não pode reduzir-se à educação moral.

Uma verdadeira educação em virtudes e valores tem que incluir não só o domínio cognitivo, mas também os domínios afetivos e volitivos e alargar o seu tempo não só as virtudes e valores sociais, mas também aos valores e virtudes pessoais.

Portanto, a escola não deve ficar a cinco séculos atrás quando os nossos mestres-escolas, os jesuítas, aqui desembarcaram. A instituição deve construir o alicerce capaz de permitir um grande salto adiante na qualidade do que é ensinado em se tratando de virtudes e valores, pois somente assim algum dia a escola será culturalmente mais sábia, pedagogicamente mais atraente, institucionalmente mais democrática e socialmente mais igualitária. E a família deve contribuir com isso, através da “presença” dos pais, mas uma presença que se faça presente não somente nas festas comemorativas, ou festas de fim de ano, mas no dia-a-dia escolar de seu filho para que estes ensinamentos de virtudes e valores atendam aos novos perfis que estão sendo delineados no mundo a ser enfrentado fora dos muros escolares.

É exatamente deste assunto que será tratado a seguir. E o porquê que estas duas instituições ainda têm desunião de uma para com a outra na busca de uma melhor forma para que o filho, o aluno seja um grande homem. Um homem cidadão, um homem de bem.

Como nos revela CARBONELL (2002, p. 101):

O desafio é conseguir a transferência e o uso da cultura escolar na vida cotidiana durante a infância e no transcurso da vida adulta e, ao mesmo tempo, a incorporação da experiência vivencial e cultural do entorno à escola. Trata-se de integrar de forma coerente, no processo de ensino e aprendizagem, a riqueza da chamada educação assistemática e extra-escolar, cada vez mais influente e de caráter mais disperso e vivencial, com a educação formal ou escolar, menos influente, porém mais ampla, sistemática e segura. Trata-se de articular adequadamente as qualidades positivas de uma e outra modalidade educativa.

Vamos ao próximo e último capítulo.

3 A PARCERIA FAMÍLIA/ESCOLA NOS ENSINAMENTOS DAS VIRTUDES E VALORES PARA A CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Declaração Universal dos Direitos do Homem

1. *Toda pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos no que diz respeito ao ensino elementar e fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado, o acesso aos ensinos superiores deve ser assegurado a todos, em plenas condições de igualdade, em função do mérito.*

2. *A educação deve visar ao pleno desenvolvimento da personalidade humana e ao fortalecimento do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais. Ela deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, assim como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.*

3. *Os pais têm, por prioridade, o direito de escolher o gênero de educação a dar a seus filhos.*

4. *A educação deve visar ao pleno desenvolvimento da personalidade humana e ao fortalecimento do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades fundamentais.*

5. *A educação deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todos os grupos raciais ou religiosos, assim como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.*

J.PIAGET

E finalmente neste último capítulo, irá ser mostrado como as instituições Família/Escola, juntas, podem ter um caráter de extrema participação nos ensinamentos, vivências e experiências das virtudes e valores aqui apontados.

Os professores orientadores, coordenadores, pedagogos e psicólogos, ou seja, a escola quase sempre deixa o aluno e, em seu lugar, acolhe os pais a fim de lhes ensinar como “passar” aos filhos as virtudes e valores tão essenciais na futura vida adulta.

Embora a presença dos pais seja desejada por alguns professores, isto não elimina um possível caráter de ambigüidade na questão. Os pais às vezes são interpretados como invasores do domínio do espaço pedagógico além do que lhes possa ser permitido pelos professores, ocasionando nestes reações de defesa. Os pais se vêem sendo aconselhados sobre a maneira de agir com seus filhos, como por exemplo trabalhar em casa os principais valores e virtudes para que eles melhorem na Escola e que futuramente sejam cidadãos de bem. Entretanto, os professores não gostam que os pais digam a eles o que e como devem fazer. Eis a confusão, e não a parceria das duas instituições que o aluno, filho convive. Não há parceria alguma, e sim uma competição de poder.

Além do que, seja na escola pública, seja na escola particular, os pais assumem o comportamento de consumidor porque a educação virou bem de consumo. O mais patético é a ausência do aluno no cenário dialógico da escola que tem como participações exclusivas professores e pais. Portanto, a Escola, aqui no caso, a Educação Infantil não trabalha na criança a responsabilidade. Valor tão admirável daquele adulto que possui.

A presença dos pais na escola se efetivou de tal modo que a qualquer problema que emerge em sala de aula, o que é perfeitamente previsível, o filho se queixa com os pais, omitindo-se, assim, da responsabilidade de resolução, e transfere para eles a administração de questões fundamentais da sua vida escolar. E o que não deveria acontecer: na crença de que a intervenção familiar faz-se

imprescindível porque na escola o aluno não é ouvido e sua fala não é considerada nem respeitada, os pais invadem o espaço para proteger o filho e inconscientemente reforçam e alimentam o silêncio do aluno sem proporcionar-lhe condições de conquistar o direito à palavra dentro da escola, ou seja, o respeito, a auto-confiança, a responsabilidade (virtudes e valores). Novamente, outro erro de uma parceria não bem conduzida.

Outro aspecto de grave importância na relação família-escola consiste em considerar que num grande número de vezes em que os pais são convocados pela escola, a demanda é exatamente a de que eles castiguem seus filhos. Isto porque, à proporção que os profissionais se vêem impedidos de aplicar a punição, a missão dessa natureza é delegada à família.

Verifica-se, assim, que a face da parceria entre escola e família oculta a incapacidade do professor de se ver como parte envolvida na problemática do aluno. Por essa razão, a relação que a escola estabelece com a família a incita nesta missão punitiva, seja na dureza da relação entre pais e o filho, seja levando o filho para ser consultado por um especialista. Considerar que a problemática apresentada pelo aluno é de origem familiar, ou pessoal, psicológica, social, ou seja, lá o que se queira, deixa a escola numa condição confortável à medida que ela se isenta de qualquer responsabilidade e comprometimento. Assim, a Escola vê a família como a instituição que não soube e não passou, ou vivenciou nenhuma virtude e valor. Novamente a confusão entre as duas instituições básicas ao desenvolvimento da criança.

Sendo assim, escola e família, por não terem papéis bem definidos, acabam interferindo uma na atuação da outra gerando uma competição que tem como conseqüência o atrasamento do processo educativo do filho, invés da criança

presenciar virtudes e valores nas mesmas, há um enorme desencontro, ou mesmo ruptura desses ensinamentos. Para que seja benéfica, uma parceria entre as duas instituições deve, em primeiro lugar, delimitar o papel de cada uma. Toda parceria implica diálogo e conflito e o conflito tem que ser trabalhado para que se atinja um nível de respeito mútuo.

E o professor é o principal agente das mudanças educativas. Ele deve se atualizar e rever sua formação pedagógica. Mas, e a família? Esta em junção com o professor pode ajudar nos ensinamentos de virtudes e valores?

O ponto de partida para uma educação significativa para o aluno tem de ser a sua realidade. Desta maneira, os temas abordados em sala de aula deverão estar em sintonia com os acontecimentos que cercam a sua realidade. O professor deve investigar como são vivenciados as virtudes e valores na casa das crianças, através de atividades, debates, jogos infantis.

Atualmente, é comum verificar que o ensino já não atende mais às expectativas do aluno, não o resgatando para o acesso ao conhecimento, e sim para um ambiente que lhe serve de simples passatempo, de encontro com os amigos. A postura de todos os envolvidos na comunidade escolar, como professor, aluno e família deverá promover a reorganização da experiência cotidiana e espontânea. Aqui está a parceria professor/família que está se referindo, ou seja, os pais devem transmitir ao professor como é o dia-a-dia do filho em casa para que o educador trabalhe corretamente os ensinamentos de virtudes e valores de acordo com que a criança já trouxe de casa, logicamente ampliando gradativamente os mesmos. E se a criança, infelizmente não vivenciou, aprendeu sobre as virtudes e valores em casa, o professor deverá mostrar a ela como essa nova realidade é mais prazerosa e de grande valia para o seu futuro.

Como nos mostra PILETTI,

Para os alunos a escola é um lugar no qual eles não se sentem bem à vontade. Mesmo aqueles que, fora da escola, são faladores, espertos, curiosos e alegres, dentro da sala de aula vão ficando calados, passivos e tristes. A escola não tem nada que ver com sua vida de todo o dia. Dentro dela não há lugar para seus problemas e preocupações. Tudo aquilo que eles sabem de experiência própria e bem vivida não é levado em conta na escola. (PILETTI, 1991, p.28).

Portanto, não ocorrendo estas falhas a Escola não foge para um isolamento e sim vai para o topo como a principal receptora e geradora do contínuo processo de aprender e de transformar a sociedade. E a família deve estar presente juntamente à escola, pois o que uma parte deixa de realizar pode ser compensada pela outra. Mas, nunca substituída, pois as duas instituições devem caminhar em parceria. Sabe-se que a família tem um papel educativo diferente da escola, a escola trabalha com a apropriação da cultura e dos conhecimentos humanamente e historicamente reconhecidos. E a família trabalha, ou pelo menos tenta trabalhar a conservação do papel educativo da escola, ou seja, tem que pelo menos ter interesse e participação no que a criança faz na Escola. Mas, o papel da família na educação é juntamente com a escola ajudar a criança no seu desenvolvimento psicológico, físico, emocional para que a mesma se torne um cidadão participativo, crítico e acima de tudo responsável. E para que este grande feito se desenvolva deverá ter o cultivo das virtudes e valores com parceria da Escola/Família.

Contudo há uma série de questões envolvidas. Os pais quase não têm tempo de participar da escola, e é na escola, onde há o principal agente de mudanças, o professor, o qual ao tentar mudar o seu jeito conservador fica sempre no falar e não faz absolutamente nada, fica na típica ação fala muito e pouco faz.

Os pais deveriam criar oportunidades em casa que auxiliem o trabalho focado nas virtudes e valores com atividades relacionadas com o currículo que não sejam

somente as tarefas de casa e a escola levar em consideração as opiniões dos pais em processos de decisões que afetam o bom funcionamento da mesma e das crianças. Esta seria uma parceria para que aja a ampliação das virtudes e valores de um modo prazeroso e criativo.

A escola não pode continuar a ser uma ilha, cercada das mesmas idéias e pessoas. A escola tem de preparar as nossas crianças da Educação Infantil, de forma que atendam aos novos perfis que estão sendo delineados no mundo a ser enfrentado fora dos muros escolares. Ao preparar novos profissionais, professores que lutam para que escola não fique neste marasmo: com professores sem capacidade para exercer o magistério, sem autonomia e incapaz de administrar recursos.

O professor de Educação Infantil deve ter o conhecimento da realidade social em que vivem as crianças (já foi dito); dos fatores de desenvolvimento infantil; da teoria educacional e das técnicas mais adequadas; deve ter hábitos e atitudes positivos de segurança, confiança, cooperação e qualidades pessoais para o seu trabalho. Somente assim, poderá passar aos alunos as virtudes e valores, pois ao contrário, como conseguirá oferecer o conhecimento dos mesmos às crianças, se nem ele mesmo vivencia.

Aos professores, faltam auto-estima e orgulho e sobram complexos de inferioridade e lamentos — não críticas — que não conduzem a nada. Não se pode ficar o tempo todo falando das misérias da profissão e esquecer-se tão facilmente de suas grandezas e satisfações. (CARBONELL, 2002, p. 113).

Em suma, a partir da parceria professor/família a escola pode mobilizar idéias e recursos para conseguir uma formação básica e profissional sólida e adaptada às necessidades específicas e mutáveis; orientar os alunos na transição da escola para

a vida ativa; buscar fórmulas imaginativas e inovadoras para a criação de emprego mediante o desenvolvimento do auto-emprego, da iniciativa social e do cooperativismo; iniciar campanhas de alfabetização e criar centros de educação de adultos; e gerar ofertas de formação contínua com o objetivo de capacitar as pessoas na aprendizagem e gestão do conhecimento nos âmbitos científico, cultural e tecnológico. Tudo isso sempre voltado para os ensinamentos e vivência das virtudes e valores

Precisa-se deixar claro que a escola e família possuem contextos diferentes e que, nesses contextos, as crianças encontrarão coisas, pessoas e relações diversas; nisso consiste em parte a sua riqueza e potencialidade. Também é preciso considerar que as divergências sobre as quais se falou nem sempre são da mesma ordem. Há muitas variáveis que incidem para que a perspectiva educadora de uma família e de uma escola se encontrem mais ou menos próximas: depende do grau em que os progenitores puderam procurar e selecionar o lugar que lhes pareça mais adequado às suas idéias e expectativas; depende também do grau em que as escolas se abram e mostrem-se como são.

Em qualquer caso, a partir da perspectiva psicológica de favorecer o crescimento harmônico da criança, é certo que os educadores dirijam seus esforços tanto às características das experiências educativas que estão a seu alcance no contexto da escola, como às relações que estabelecem com o seu contexto primário, que é a família.

Todos os dois compartilham muitas funções educativas que buscam a socialização em determinados valores, a promoção das capacidades cognitivas, motoras, de equilíbrio pessoal, de relação interpessoal e de inserção social, e compartilham, também, o cuidado e o bem-estar físico e psíquico, não perdendo de vista que ambos têm a responsabilidade de apoiar o que é feito no outro contexto e favorecer o desenvolvimento da criança (BASSEDAS, 1999, p.283).

Em uma perspectiva de colaboração mútua, que passa pela confiança e pelo conhecimento, é possível fazer o que seja necessário: assegurar que os dois contextos de desenvolvimento mais importantes nos primeiros anos de vida de uma pessoa possam compartilhar critérios educativos que facilitem o crescimento e o desenvolvimento harmônico das crianças, desde que com base ao encontro das virtudes e valores.

Entretanto, não se pode pensar que a escola garanta total sucesso em seu trabalho de formação. Na verdade, seu poder é limitado. Todavia, tal diagnóstico não justifica uma deserção. Mesmo com limitações, a escola participa da formação moral de seus alunos. Valores e virtudes são transmitidos pelos professores, pelos livros didáticos, pela organização institucional, pela forma de avaliação, pelos comportamentos dos próprios alunos. Assim, em vez de deixá-las ocultas, é melhor que tais questões recebam tratamento explícito, que sejam assuntos de reflexão da escola como um todo, e não apenas de cada professor.

E o mesmo é válido para a família.

Muitas vezes, a mãe, o pai e a professora atuam de maneira diferente diante de uma mesma manifestação da criança; com frequência, quando isso acontece, sentimo-nos tentados a mostrar nossa bondade sobre a atuação da outra pessoa.

Acrescenta-se que as condições do contexto em casa e na escola são diferentes, o que contribui para a atuação dos adultos, diante das manifestações das crianças, possa ser influenciada pelo contexto institucional: mais ou menos crianças, espaço amplo ou reduzido, número de adultos. É possível que em casa, por exemplo, a mãe ou um avô possam estar sempre observando a criança, insistindo para que escolha os brinquedos, enquanto na escola esse comportamento regularmente é feito de uma maneira diferente e possivelmente menos

individualizada. É lógico que a criança, a princípio, responde de modo diferente: que na sua casa seja ordenada e que na escola resista em deixar as coisas arrumadas.

Por outro lado, quando nos propomos a estabelecer determinadas estratégias ou pautas de atuação acordadas com a família, não devemos esquecer nunca de que se trata: trata-se de uma família que possui as suas pautas de relação, a sua dinâmica e o seu equilíbrio. Tendo em vista o respeito e a valorização da família – e somente a partir do respeito e da valorização da escola pela família – poderemos desempenhar a difícil tarefa de tomar decisões sobre a educação das crianças (BASSEDAS, 1999, p.287).

Às vezes, os pais e as mães têm expectativas pouco positivas a respeito da criança e a respeito de sua própria atuação como agentes educadores; isso se torna mais evidente à medida que as necessidades da criança são mais graves e permanentes. Outras vezes, ao contrário, tendem a não ver as dificuldades e a atuar de uma maneira pouco adequada para ajudá-la, porque, afinal, negam o problema.

Por sua vez, os professores podem sentir-se também atrapalhados diante de um menino ou de uma menina diferente, da atuação que é menos previsível que a dos demais e sobre o qual sentem exercer menos influência.

Talvez esses sentimentos não possam ser evitados, mas podem ser amenizados se for possível conversados, revistos pela orientação para administrar a situação, ser trabalhados de maneira conjunta com especialistas cuja perspectiva incide na resposta educativa em relação à criança.

É preciso a seu modo, conhecer e compartilhar as mensagens e os critérios trabalhados com os pais e as mães, para não correr o risco de confrontar-se e de contribuir para sua própria insegurança no momento de agir.

As relações entre a família e a Educação Infantil devem mostrar que os pais e as mães podem compreender, aceitar e valorizar a tarefa educativa da escola. Nós como professoras sabemos que a idéia que existe entre os pais em geral, em um

determinado nível social, é que aquilo que é trabalhado na escola pode ser muito diferente do que corre na realidade. E um fato muito importante é que a Família (pai e mãe) acham que quem educa, transmite as virtudes e valores as crianças é unicamente a Escola.

Apesar do que foi dito no capítulo 2, que a Educação vem de berço, ou seja da Família, a sua evolução é realizada pelas duas instituições, pois a criança convive e vive experiências nestes dois mundos. Portanto, os ensinamentos das virtudes e valores se devem a parceria Família/Escola.

Alguns mal-entendidos e algumas incompreensões podem ser gerados por esse desconhecimento, por falsas crenças ou por valores opostos em relação à função da escola. Romper obstáculos, ajudar a ter uma visão mais ajustada do que faremos na escola e para que, ajudará aos pais e às mães valorizarem e passará a ser um referencial para algumas relações construtivas e proveitosas para todos.

Na etapa da Educação Infantil, convém propor que as famílias devem conhecerem e valorizarem o que se faz na escola, já que se apresenta muito difundida a idéia de que as crianças pequenas vão brincar e que não é preciso saber muito para que joguem, brinquem, para trocá-las ou para dar-lhes de comer, é preciso ter paciência, boa disposição e gostar de crianças, etc. sem negar que essas qualidades são extremamente necessárias, educar, nesta idade, como nas outras, requer um conhecimento profissional que permita analisar e compreender a situação de cada criança e tomar as decisões mais convenientes ao caso presente.

A reflexão sobre o que fazer e para que fazer também precisa ser conhecida. Nesse sentido, convém preparar, com muito cuidado, as reuniões coletivas com as famílias, as quais não deverão ser muito formais ou frias; deve-se ter um roteiro, explicar a proposta da escola para essa faixa etária e o porquê, quais as atividades

previstas para consegui-lo, como serão organizados os contatos e a participação dos pais e das mães. Também é importante traçar as semelhanças e também as diferenças entre uma escola infantil e uma escola de ensino fundamental, o que contribui para que os pais e as mães ajustem seus critérios os pessoais para valorizar o que a criança faz na escola.

Convém considerar, também, que existem muitas maneiras de “mostrar” a escola aos pais com um intercâmbio diário, oral ou escrito: através de um folheto informativo ou de uma agenda que vai e vem da escola para a família; mediante a exposição pública das atividades gerais e extraordinárias que serão feitas em determinado período.

É preciso observar que objeto geral de compartilhar a ação educativa seja cumprido, somando-se esforços e não distanciando-os do desenvolvimento infantil.

A participação das famílias pode ser benéfica para a escola pelos seguintes motivos: aproxima os dois mundos – o da família e o do centro – favorecendo aprendizagens mútuas, nas quais cada pessoa pode trazer uma experiência, um saber, uma maneira de fazer diferente e enriquecedora. Em qualquer caso, a pertinência, o tipo e a magnitude da participação deve ser cuidadosamente analisada e discutida pelo conjunto dos professores, ao mesmo tempo que convenientemente enquadrada no projeto pedagógico da escola. Essa participação nunca deve gerar confusão sobre as responsabilidades, as funções e as respectivas implicações; sempre deverá ser um meio, entre outros, para garantir o que queremos deixar evidente neste capítulo: a proximidade entre os dois contextos primordiais de desenvolvimento das crianças da etapa da educação infantil (BASSEDAS, 1999, p.296).

Em suma, no século XX, a escola se destinava a dar um prolongamento à família no que dizia respeito à socialização moral e aos estilos de vida. Já no início do século XXI, constata-se um imenso abismo entre escola e família, visto que esta última passou por inúmeras modificações.

A Família precisa ter confiança e respeito pela Escola, acreditar na competência dos professores no cumprimento de suas tarefas e incentivar os filhos

a se envolverem no projeto da unidade escolar. Por outro lado, a escola precisa aprender a ouvir seus alunos e a exercer a prática democrática. Em síntese, as relações dentro da escola devem se sustentar num relacionamento maduro, comprometido e de responsabilidade por parte de todos os envolvidos. Tudo isso em prol de um melhor ensinamento das virtudes e valores na parceria Família/Escola.

CONCLUSÃO

A virtude é uma disposição estável em ordem a praticar o bem; revela mais do que uma simples potencialidade ou uma aptidão para uma determinada ação boa: trata-se de uma verdadeira inclinação. Assim, virtudes e valores são todos os hábitos constantes que leva o homem para o bem, quer como indivíduo, quer como espécie, quer pessoalmente, quer coletivamente.

Neste contexto a educação em valores humanos ensina o homem a encher seu coração de compaixão, falar a verdade e dedicar seu corpo ao bem da sociedade. As virtudes e valores, como a paz, o amor, verdade e retidão, são ideais buscados pela Educação em geral, uma prática que vem ganhando espaço nas escolas e tem como objetivo estabelecer caráter e excelência humana.

E assim, conduzir-se o aluno à construção de um mundo diferente, voltado para o amor, a paz e a união, formulando novos conceitos aplicativos e coerentes, derrubando os muitos mitos, preconceitos e conceitos pré-estabelecidos existentes dentro da escola. É necessário o empenho e entusiasmo de todos que estão inseridos no ambiente escolar. Aceitar um desafio é superar os próprios limites, sem deixar o desânimo perturbar o espírito do profissionalismo, da competência e do desejo de ultrapassar-se a si mesmo.

Entretanto, não é somente a Escola que é responsável em conduzir os ensinamentos das virtudes e valores, há a Família, ou melhor, deveria haver uma parceria entre estas duas instituições.

A necessidade desta parceria Família/Escola é visível em nossa sociedade, pois a escola é, junto com a família, a instituição social que maiores repercussões tem para a criança. Família/Escola são determinantes para o desenvolvimento cognitivo e social da criança, além do trabalho em ensinar virtudes e valores.

As relações entre a família e a escola somente podem ser construtivas se estiver baseada no respeito mútuo, na confiança e na aceitação das peculiaridades de cada um. Não existem duas famílias iguais e convém não ter esquemas rígidos sobre “como deve ser” uma família.

O contato entre pais e professores deve cumprir os objetivos de conhecer a criança, estabelecer critérios educativos comuns, oferecer modelos de intervenção e de relação com as crianças e ajuda a conhecer a função educativa da escola.

É a parceria Família/Escola que traz a educação tão sonhada a criança com princípios, valores e virtudes, os quais serão carregados para sempre.....

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASSEDAS, Eulália. Aprender e Ensinar na educação infantil. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- CARBONELL, Jaume. A aventura de inovar: a mudança na escola. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- DORNELLES, João Ricardo W. O que são direitos humanos. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MANZINI COVRE, Maria de Lourdes. O que é cidadania. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MARQUES, Ramiro. O livro das virtudes de sempre. São Paulo: Asa, 2000.
- PAGOTTO, Fábio. Ética e cidadania. São Paulo: Victor Civita, 2003. V. 8.
- PILETTI, Claudino. Didática geral. 6.ed. São Paulo : Ática, 1986.
- RIOS, Terezinha Azeredo. Ética e competência. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1995.
- SERRANO, Glória Pérez. Educação em valores: como educar para a democracia. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- STEINER, Rudolf. A arte da educação III. São Paulo: Antroposófica, 2000.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánches. Ética. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- ZAGURY, Tania. Limites sem trauma. 49. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.